

## **REPORTAGEM – CADERNO DOIS – CORREIO BRAZILIENSE** **Segunda-feira, 19 de Janeiro de 1.998.**

### **EM ALGUM LUGAR DO PASSADO**

**Repórter do Correio Braziliense se submete a dois métodos diferentes de terapia de vidas passadas e relata a experiência.**

**Márcia Vitória – Da equipe do Correio**

**REJEITADA PELO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, QUE NÃO A CONSIDERA MATÉRIA CIENTIFICAMENTE COMPROVADA, A TERAPIA DE REGRESSÃO CAUSA POLÊMICA NO MEIO CIENTÍFICO ENQUANTO ARREBANHA CADAVEZ MAIS ADEPTOS EM TODO MUNDO.**

Partindo do princípio de que o subconsciente não está limitado pelas fronteiras impostas pela lógica, espaço e tempo – e que desta forma pode lembrar de tudo -, a terapia de vidas passadas tem como objetivo trazer para a consciência traumas e bloqueios que ficaram registrados em algum momento da vida.

Com a intenção de tentar esclarecer os mistérios que cercam o método, a reportagem do **Correio Dois** resolveu ver de perto como a regressão funciona na prática. Foi assim que, na quarta-feira à noite (14/01), eu me vi numa espécie de divã, dando início ao processo de relaxamento, uma das técnicas mais usadas pelos terapeutas que, junto com a hipnose, provocam estados alterados de consciência – requisito fundamental para se ter às informações contidas no inconsciente. As sessões costumam demorar no mínimo uma hora e meia e, no máximo, três horas, dependendo do profissional.

Com o terapeuta paulista Paulo César, que há três anos trabalha com o método na cidade, a sessão começa depois que o paciente preenche extenso questionário sobre a vida pessoal.

O próximo passo, depois de ouvir breve explicação sobre a técnica, é deitar e relaxar.

Para ajudar na eliminação de bloqueios racionais, Paulo César utiliza um

microsintetizador de ondas cerebrais e uma fita gravada, que tem a função de acelerar o processo.

## O COMEÇO DA VIAGEM

Tudo começou com um pequeno formigamento que, depois, tomou conta das mãos e dos pés, até dominar todo o corpo. A perda de sensibilidade era notória.

Não demorou muito e as primeiras imagens começaram a aparecer. Cenas de um lugar desconhecido que passavam pela minha mente sem uma seqüência lógica ou linear, e traziam junto uma série de sensações. Foi uma surpresa para mim, que não consegui descrevê-las, inicialmente.

Apesar de estar consciente todo o tempo, e sofrendo algumas censuras do pensamento cartesiano, não conseguia controlar o ir- e- vir das imagens. Elas simplesmente surgiam, não sei bem de onde (vi, por exemplo, ambientes bem iluminados, com várias pessoas de aparência incomum se reunindo para trocar informações).

Este, talvez, seja o grande mistério da regressão que, mesmo depois de ter vivido a experiência, não consigo responder.

De onde vem as histórias que aparecem? E as emoções que acompanham cada uma delas, muitas vezes de medo, tristeza, alegria, desespero e pânico?

Eles surgem e pronto. Estão dentro da gente. Não vem de fora, nem são passadas por ninguém. E é aí justamente que está a chave da terapia segundo os especialistas.

“O principal trabalho de vidas passadas está no fato de colocar o paciente em contato com traumas ou medos oriundos de situações que enfrentou de forma desarmoniosa”, esclarece Paulo Cesar. A única certeza que se tem quando o processo termina é que não adianta ficar se martirizando com a dúvida: será que esta história é verdadeira? Será que realmente fui queimado numa fogueira durante a inquisição (como me vi, homem, vivendo esta dramática situação) ?” Na verdade, estas questões tornam-se menores diante do material emocional que fica disponível para ser trabalhado.

A partir daí, cada um faz sua escolha. Ou continua a vida, como se nada tivesse acontecido, ou dá uma pausa para sentir um pouco de si mesmo. Sem dúvida, a experiência é única, individual e intransferível. É como uma caixa de Pandora. Quando aberta não sabemos o que vai sair de dentro. É bom, portanto, estar

preparado para surpresas. Terminada a sessão, depois de três horas, não sabia o que pensar.

## **SEGUNDO DIA**

Acordei no dia seguinte, ainda confusa. Mas precisava me preparar para a segunda etapa da reportagem que começaria na tarde de quinta-feira (16/01). Desta vez procuramos o terapeuta gaúcho Cláudio Caparelli, 62 anos, 20 deles dedicados à terapia de regressão.

Num ambiente tranqüilo na Chácara Remanso (rodovia 140), onde mora e realiza os atendimentos, Cláudio Caparelli conserva ainda a resistente poltrona de couro reclinável que o acompanha desde o primeiro trabalho. Na parede um retrato de uma paisagem de eucaliptos, iluminada por um pequeno feixe de luz solar, também dos tempos em que atendia no Instituto Amom de Parapsicologia de Petrópolis (RJ). Depois de receber um passe espiritual, comecei novamente a mergulhar num processo de relaxamento para dar início a regressão. Sentia a mesma perda de sensibilidade no corpo da terapia anterior. Desta vez não vi nenhum lugar desconhecido. Mas consegui acessar memórias muito antigas, “vidas passadas”, como costumam chamar os especialistas.

Como a técnica utilizada por Cláudio Caparelli começa sempre a partir de um bloqueio ou dificuldade que a pessoa apresenta na vida atual”, partimos de alguns medos que trago há algum tempo. O de altura é um deles. E a primeira história que apareceu em minha mente estava profundamente ligada a esse tema. Não era linear, nem obedecia a uma seqüência lógica. O terapeuta conduzia o processo, sugerindo ao cérebro que ora se adiantasse no tempo, ora voltasse, e o quebra cabeça foi se encaixando.

“Todos os problemas de ordem emocional ficam registrados no inconsciente de forma indelével. Esses fatos quebram o equilíbrio das pessoas e agem como toxinas no organismo. Basta estimular o subconsciente que ele encarrega de expulsar essas substâncias”, afirma Caparelli. Em caso de acidentes, violência sexual e traumas profundos, o especialista afirma que a técnica é extremamente eficaz.

“Em casos como esses, mesmo sabendo a origem, a pessoa não consegue se libertar da emoção e se livrar do bloqueio. A regressão age desfazendo esses nós”, avalia. Sempre que a pessoa lembra de um fato ou narra uma história, o terapeuta interfere e sugere ao subconsciente que reelabore a cena. Isso é feito repetidas vezes durante

a sessão.

No meu caso, ainda não sei se consegui me livrar do pânico de altura. Espero uma oportunidade para testar. Quanto às perguntas iniciais (veracidade das histórias, existem vidas passadas?), continuo sem ter condições de respondê-las.

A única certeza é que , seja qual for a origem, essas imagens surgiram em minha mente por algum motivo. Todas trouxeram um conteúdo enorme de sensações e emoções. Desprezar esse material seria desprezar parte importante de quem se submete à terapia. Machado de Assis disse certa vez: “A lei é esta: nascer, morrer, tornar a nascer e renascer ainda, progredir sempre”. Na melhor das hipóteses, a regressão pode ser uma boa ferramenta para o progresso individual dos que se atrevem a atravessar a ponte entre o consciente e o inconsciente.

Repórter: Márcia Vitória – Da equipe do Correio Braziliense